

# A Grande Guerra e o Desporto: os Jogos Interaliados de 1919

**Rita Nunes**

*Comité Olímpico de Portugal*

*Instituto de História Contemporânea, FCSH-UNL*

## **Introdução: Desporto, Olimpismo e Guerra**

A relação entre militarismo, socialização e desporto é indissociável. Imagens de perda, dor e heroísmo são símbolos de unidade em momentos de sofrimento nos campos de batalha ou nos recintos onde se realizam competições desportivas, tornando os heróis militares e os ídolos desportivos elementos cruciais à construção de uma nação moderna e poderosa.

Em 1914, ano em que o herdeiro do trono da Áustria-Hungria, Francisco Fernando, e a sua mulher, a duquesa de Hohenburg, foram assassinados na capital da Bósnia, Pierre de Coubertin desenhou os cinco anéis interligados, que representam a união dos cinco principais continentes, ainda hoje, um dos símbolos olímpicos mais poderosos que formam a bandeira olímpica.

Talvez não seja por isso estranho que a declaração de guerra da Alemanha a Portugal, a 9 de março de 1916, tenha servido de mote para o desporto nacional ter sido chamado a contribuir para o esforço de guerra.

Quando os primeiros contingentes do Corpo Expedicionário Português (C.E.P.) partiram de Lisboa para a Flandres, foram muitos os desportistas que os incorporaram e os jornais desportivos passaram a acompanhar os seus desempenhos na frente de batalha, como se de uma competição se tratasse.

Os Jogos da VI Olimpíada nunca chegariam a realizar-se, ficando para a história como os primeiros a serem cancelados, desde o relançamento do Movimento Olímpico da era moderna, por Pierre de Coubertin. Os combates que se travaram em solo francês tinham já obrigado à transferência, em 1915, da sede do Comité Olímpico Internacional, para um país neutro, a Suíça, local onde permanece até hoje.

São por isso vários os impactos da eclosão da Grande Guerra no desporto e no Movimento Olímpico, que este texto procura analisar, reconstruindo histórias, contributos e legados para uma melhor compreensão dos impactos da guerra no desporto e nos desportistas, bem como a forma como o desporto e os desportistas participaram ativamente no antes, durante e pós-guerra.

## A Organização Desportiva Portuguesa em Vésperas da Grande Guerra

No final do século XIX, quando um pouco por toda a Europa o desporto se tinha começado a “massificar”, a atividade desportiva em Portugal continuava circunscrita a algumas camadas da população. De uma forma geral, as elites nacionais permaneciam, com honrosas exceções, bastante alheadas dos desenvolvimentos alcançados pelo desporto em Inglaterra, França ou Estados Unidos da América.

Durante muito tempo a historiografia portuguesa considerou que o primeiro clube desportivo criado em Portugal foi a Associação Naval de Lisboa, em 1856 (Serpa, 2007, p. 54), contudo, investigações mais recentes mostram a existência de um outro clube ligado aos desportos náuticos, o Arrow Club fundado em 1828 e de um outro clube, este com acesso restrito, o Oporto Cricket & Lawn Tennis Club<sup>1</sup>, fundado em 1855 pelos cidadãos britânicos que vieram residir para o Porto e que eram proprietários de várias companhias de vinho do Porto.

Paulatinamente foram surgindo em Portugal mais associações e clubes como o Gimnasio Clube Português (1875), o Clube Fluvial Portuense (1876), o Ateneu Comercial de Lisboa (1880), o Clube Naval de Lisboa (1892), a Associação Naval 1.º de Maio e o Foot-Ball Clube do Porto (1893), Ginásio Clube Figueirense (1895), Sport Club Vianense (1898), entre tantos outros. As regatas, o futebol, o ténis, o *rugby* ou mesmo o críquete chegavam muitas vezes a Portugal por influência dos cidadãos estrangeiros que viviam nas grandes cidades, ou pelos jovens das classes mais altas da sociedade portuguesa que iam estudar para outros países.

Muitos destes clubes vão surgir já numa década de reflexão e de crítica, em que se começavam a pôr em causa as possibilidades de sobrevivência do regime monárquico. Foi também por esta altura que começaram a surgir as primeiras discussões em torno do papel e da importância do desporto para o desenvolvimento das sociedades modernas, sendo assinalável o debate em torno do papel que Estado e privados poderiam ser chamados a desempenhar.

É assim interessante verificar que em 1852 foram organizados em Paço de Arcos, pela iniciativa do conde de Alcáçovas<sup>2</sup>, as primeiras regatas de vela e remo, aparentemente como simples atividades de diversão. Quase em simultâneo vão surgir também as primeiras agências noticiosas do mundo; as notícias tornam-se universais e os resultados desportivos acompanham essa universalidade<sup>3</sup>; diz-se que a rapidez das comunicações telegráficas só é ultrapassada pela velocidade da luz, tendo, como consequência, o milhão de jornais vendidos diariamente nos EUA no início da segunda

---

1 Oporto Cricket and Lawn Tennis Club. Disponível em OpenEdition: <https://www.oportocricketclub.com/history.htm> [consultado em 7 de fevereiro de 2019].

2 Associação Naval de Lisboa. Disponível em OpenEdition: <https://anl.pt/clube/#toggle-id-1> [consultado em 7 de fevereiro de 2019]

3 Em 1865, em Londres, Paul-Julius Reuter consolidara o prestígio das agências de imprensa nascentes ao anunciar, antes de mais ninguém, que Lincoln fora assassinado em Washington.

metade do século XIX<sup>4</sup>. Desporto e imprensa começam então a construir um percurso paralelo.

Por exemplo, o primeiro relato de uma espécie de encontro de futebol realizado em terras lusas data de 1875, na Camacha, na Região Autónoma da Madeira. O responsável foi Harry Hinton, um jovem inglês residente na ilha, filho de um industrial açucareiro, que estudava em Londres e que trouxe uma bola e jogou com os amigos. Treze anos depois, em 1888, há o primeiro registo de um jogo, em Cascais. O futebol tinha chegado, também, através da comunidade britânica residente no País, que trabalhava na Estação do Cabo Submarino, em Carcavelos, e pelos irmãos Pinto Basto, que estudavam em Inglaterra, e de lá tinham trazido uma bola de futebol.

Com o início do século XX, o surgimento de novas associações e clubes acentuou-se. Muitos destes clubes surgiram ligados ao futebol e ainda hoje existem e são bem conhecidos, como o Clube Internacional de Futebol (1902), o Boavista Foot-Ballers (1903), o Sport Lisboa e Benfica (1904), o Sporting Clube de Portugal (1906) e o Vitória Futebol Clube (1910). Surgem naturalmente novas modalidades e inicia-se uma ténue generalização da prática desportiva, nomeadamente no atletismo, ciclismo, ginástica, remo e vela.

No entanto, podemos afirmar que o número de clubes e associações existentes eram considerados insuficientes para o papel e as funções que o desporto deveria desempenhar na sociedade portuguesa. Portugal começava, lentamente, a sua caminhada inserindo-se no mapa e nos roteiros, ainda em construção, do desporto internacional, de que a representação do País no Comité Olímpico Internacional, em 1906, seria o corolário. Decorrente de contatos entre o rei D. Carlos e o fundador dos Jogos Olímpicos da era moderna, Pierre de Coubertin, o português António de Lancastre torna-se membro do Comité Olímpico Internacional em 1906. Este teria como principais funções representar o Movimento Olímpico em território nacional, ajudando a impulsionar as práticas desportivas.

Seria com a implantação do regime republicano, que a ideia da criação de uma sociedade “regenerada” e de um “homem novo” começou a ganhar visibilidade, defendendo-se como necessária, a introdução da educação física nos programas de ensino escolar.

Apesar desta vontade, vale a pena ter presente que seria apenas na reforma republicana do exército, publicada a 26 de maio de 1911<sup>5</sup>, que surgiria uma das poucas referências à atividade desportiva, nomeadamente às funções das Escolas de Equitação e Tiro<sup>6</sup>. A reforma, promovida contra a vontade do exército, ficaria interrompida com a eclosão da Grande Guerra. Recorde-se, ainda, que a 1 de fevereiro de 1907 o deputado monárquico, Carlos Lopes de Almeida, tinha apresentado no Parlamento um projeto de lei que tinha justamente como principal objetivo a regulamentação do repouso semanal<sup>7</sup>. Lopes

---

4 *O Panorama*, “jornal litterário e instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis”, Vol. XII, 4.º da 3.ª Série, N.º 40, 6 de outubro de 1855, pp. 320. Disponível em OpenEdition: [http://hemeroteca.digital.cm-lisboa.pt/OBRAS/OPanorama/1855/Outubro/N40/N40\\_item1/P8.html](http://hemeroteca.digital.cm-lisboa.pt/OBRAS/OPanorama/1855/Outubro/N40/N40_item1/P8.html) [acedido em 23 de janeiro de 2019].

5 Cf. *Diário do Governo*, n.º 122 de 26 de maio de 1911.

6 Cf. *Diário do Governo*, n.º 122 de 26 de maio de 1911.

7 *Diário da Câmara dos Senhores Deputados*, Sessão n.º 20, 1 de fevereiro de 1907, pp. 4-13.

de Almeida acrescentou, ainda, ser necessário acompanhar o descanso semanal de outras medidas complementares à semelhança do que tinha acontecido em França, onde foram criados jardins operários. Só assim seria possível, em seu entender, afastar “(...) os operários das tabernas, das casas de jogo e da prostituição, onde eles vão buscar causa, não só para o seu definhamento, mas também para o definhamento dos seus descendentes<sup>8</sup>. A atividade física e a prática desportiva começavam a ganhar, também, o seu espaço, no domínio do tempo-livre e dos lazeres. A regulamentação do descanso semanal ao domingo foi aprovada a 7 de agosto de 1907<sup>9</sup>.

Em 1912, com o objetivo de Portugal participar pela primeira vez nos Jogos Olímpicos, constituiu-se a 30 de abril o Comité Olímpico de Portugal, à data designado Comité Olímpico Português. Portugal pôde assim participar pela primeira vez nos Jogos Olímpicos. Foi na quinta edição, que se realizou na cidade sueca de Estocolmo, de 5 de maio a 27 de julho, que se estrearam os atletas portugueses. Pode dizer-se que foi uma participação bastante atribulada, sem o apoio do Estado, e com a necessidade de se recorrer à angariação de fundos através de uma subscrição pública nacional e à organização de alguns certames desportivos. Foram dez os atletas previamente selecionados, mas, decorrente do financiamento necessário e das receitas reunidas, a delegação portuguesa foi reduzida a seis atletas: António Pereira, António Stromp, Armando Cortesão, Fernando Correia, Francisco Lázaro e Joaquim Vital, que competiram nas modalidades de atletismo (provas de velocidade e maratona), esgrima e lutas (greco-romana). Esta estreia que se desejava ambiciosa, terminou da pior forma, com a morte trágica do maratonista português Francisco Lázaro, no decorrer da prova de maratona (Pinheiro e Nunes, 2012).

A sociedade portuguesa vivia um momento em que a organização desportiva estava em pleno desenvolvimento. A fundação de novos clubes e associações desportivas e o acesso à prática de um lote mais diversificado de modalidades desportivas criou a necessidade de regular essas práticas, com um enquadramento a nível nacional, que permitiria não só a elaboração de calendários competitivos, mas também a internacionalização dos melhores atletas e equipas nacionais. Neste sentido a constituição de Uniões, Ligas e Federações ganham maior importância. À semelhança do que tinha acontecido no ciclismo, com a constituição da União Velocipédica Portuguesa, a 14 de dezembro de 1899, e com a Liga Sportiva para os Trabalhos Atlético fundada em 1909, surgem em março de 1914 a Federação Portuguesa de Sports, a Federação Portuguesa de Boxe e a União Portuguesa de Futebol, designação usada para a atual Federação Portuguesa de Futebol. Derivado de uma reorganização, surgirá também em 1916 a Federação do Tiro Nacional Português, sendo esta a sucessora da União dos Atiradores Civis Portugueses criada por decreto régio do rei D. Carlos em 1892.

Todo este processo de organização e desenvolvimento desportivo que se verificava nos diversos países, e que em Portugal não será exceção, vai sofrer impactos. Natural-

---

8 *Idem*, p. 12.

9 Decreto de 7 de agosto, estabelecendo o descanso semanal para todas as classes trabalhadoras e tornando obrigatória a sua concessão. *Diário do Governo*, n.º 175, 8 de agosto de 1907.

mente que este será maior para os países que entram diretamente no conflito, principalmente pela mobilização das camadas mais jovens e ativas da sociedade para a integração dos contingentes, mas também pelo facto de a maioria dos campeonatos e competições internacionais ficarem suspensos. Exemplo máximo dessa situação é o cancelamento dos preparativos para a organização dos Jogos Olímpicos de 1916, que se deveriam realizar em Berlim.

## O Desporto e a Guerra

Em Portugal, tal como iria acontecer um pouco por toda a Europa em guerra, logo em 1914 o incentivo à prática desportiva surgiu associado aos debates, transversais à sociedade, relativamente ao papel e posição que Portugal deveria tomar em relação ao conflito europeu.

A imprensa desportiva, com o argumento, de que a qualquer momento o País poderia ser chamado a intervir, saiu em defesa da introdução da educação física e de alguns desportos na preparação militar dos soldados, e na ocupação dos seus tempos de lazer. Defendendo-se que um jovem bem preparado fisicamente seria um bom soldado e um melhor cidadão.

Logo a 15 de agosto de 1914 o jornal *O Sport de Lisboa* noticiava o início da guerra na Europa e o envolvimento dos atletas: “Os maiores vultos mundiais do sport, as figuras mais prestigiosas e conhecidas das lutas desportivas partiram para o teatro mais ativo das lutas. Foot-ballers de renome, ciclistas de há dois dias, como Thys, Alavoine, Bussey, esgrimistas, homens de hipismo, atletas e tantos outros para lá foram, com o seu fardamento cor de terra, a sua arma a tiracolo, e o seu sorriso nos lábios. De cá de Portugal, mesmo, partiram alguns, que evocamos com saudade. E se todo o homem que combate leva para a luta o seu entusiasmo e a sua fé, este, o sportman, leva, além disso, a sua musculatura maleável e dócil, o seu físico robustecido e treinado, e a força disciplinada do seu sport, que não são fatores de gratuito desprezo em ações de resistência e esforço corpóreo”.<sup>10</sup>

De Lisboa partiriam a 11 de setembro de 1914 as primeiras expedições militares portuguesas, com destino a Angola e a Moçambique. Seria, contudo, a declaração de guerra da Alemanha a Portugal, a 9 de março de 1916, que iria provocar a mobilização do desporto nacional a favor do esforço de guerra.

Em finais de março, o ministro da Guerra, Norton de Matos, por intermédio da Federação Portuguesa de Sports, solicitou que “cada sociedade desportiva intensifique a sua ação, chamando um maior número de adeptos à causa que defende, ministrando-lhes, ao mesmo tempo, a instrução dos conhecimentos que a guerra de hoje veio indicar serem imprescindíveis ao homem, para a sua defesa e para a consecução do seu fim”.<sup>11</sup>

Não deixa, por isso, de ser interessante verificar que o único cartaz de propaganda de guerra de autoria nacional retrate o desporto.

10 Jornal *O Sport de Lisboa*, 15 de agosto de 1914.

11 Jornal *O Sport de Lisboa*, 1 de abril de 1916.

No cartaz é possível identificar a chancela do editor – A Editora, que se situava no Largo Conde Barão, n.º 50, em Lisboa. O seu autor é desconhecido; no entanto alguns dos seus possíveis autores poderão ser o diretor artístico da empresa, o aguarelista Roque Gameiro ou o responsável pela sua impressão, Pires Marinho.

Apesar de não termos dados sobre a data da sua divulgação, presume-se que o mesmo tenha surgido depois da declaração de guerra da Alemanha a Portugal. João David Zink (2007) afirma neste âmbito que é muito provável que este cartaz tenha sido produzido para assinalar o acolhimento da missão naval inglesa que veio a Portugal em maio de 1916 para tratar dos moldes da participação do Corpo Expedicionário Português no teatro de guerra, ou até por ocasião da estadia da missão militar anglo-francesa que chegou no final de agosto de 1916, para acertar pormenores e acompanhar a preparação das tropas na base de Tancos. Nada mais adequado para promover a Aliança com a Grã-Bretanha do que promover um desafio de futebol, modalidade que, tendo origem britânica, se começava, como vimos, a afirmar em Portugal<sup>12</sup>. Devido ao corte transversal que o cartaz apresenta, na parte superior, é impossível decifrar o seu título<sup>13</sup>. As letras apresentam-se cortadas de tal forma que apenas se consegue adivinhar a letra “C” no início e a “A” no final. Analisando a imagem, podemos verificar que a figura central do cartaz é um futebolista e num segundo plano dois regimentos de tropas em parada, apresentados em tons de cinzento. Apesar da dificuldade em decifrar os intervenientes, e ainda segundo João David Zink, parece tratar-se de fardamentos do exército, do lado esquerdo e da marinha, do lado direito, muito provavelmente alusivos ao Exército Português e à Royal Navy. Ao fundo da imagem, pode-se observar um navio de guerra com alguns dos seus tripulantes a dirigirem-se para terra numa pequena embarcação.

Voltando à figura central do cartaz, o jogador de futebol apresenta a mão direita e o joelho esquerdo lesionados. O seu joelho aparece mesmo totalmente envolvido em ligaduras, o que parece não o impossibilitar de jogar. Esta imagem permite-nos ainda extrapolar uma comparação entre a guerra e o desporto, ou seja, da mesma forma que este jogador de futebol, mesmo lesionado continua a jogar, um soldado ferido numa missão, não abandona o combate e continua a dar o seu melhor para defender a sua nação. O círculo que envolve o jogador representa um campo de futebol, existindo outros dois jogadores a correr. O céu, que na generalidade é representado em tons de azul, aqui apresenta-se em tons vermelhos. Este uso das cores poderá ter diferentes interpretações. Uma referência à guerra e ao sangue derramado no campo de batalha, ou numa perspetiva patriota, à bandeira de Portugal, com o verde, do terreno de jogo e o vermelho do céu. O verde do terreno de jogo poderá ainda representar a esperança. O equipamento que o jogador apresenta, com riscas verticais verdes e brancas, poderá ser, ainda, referência ao equipamento do Vitória Futebol Clube, fundado em 1910 em Setúbal, clube vencedor do campeonato regional de Lisboa de segunda categoria na época desportiva de 1916/1917.

---

12 *Idem*.

13 Exemplar único existente na Biblioteca Nacional adquirido em 1975 a um alfarrabista, segundo João David Zink.

## A Mobilização de Desportistas para a Guerra

Portugal enviou os primeiros homens para defender as colónias em Angola e Moçambique, dois anos antes da Declaração de Guerra da Alemanha, em março de 1916. Apesar de não estarmos numa época em que o desporto estivesse generalizado a todas as classes da sociedade, nestes contingentes, que partiram em direção a Angola e Moçambique, é possível identificar a integração de diversos desportistas. Homens que praticavam várias modalidades e que mais tarde, já no pós-guerra, irão ocupar posições de destaque em prol do desenvolvimento do desporto em Portugal, como: António Prestes Salgueiro<sup>14</sup>, praticante de atletismo, natação, remo e futebol no Club Internacional de Futebol (CIF) que viria a ser, de 1919 a 1923, Presidente do Comité Olímpico Português<sup>15</sup> e Júlio Ribeiro da Costa<sup>16</sup>, futebolista do Sport Lisboa e Benfica que, mais tarde, após o seu regresso a Portugal, irá desempenhar vários cargos dirigentes até se tornar presidente da direção do Sport Lisboa e Benfica em 1938-1939 e presidente da mesa da assembleia-geral em 1939-1940.

Apesar do clima quente e seco, as tropas portuguesas recém-chegadas ao território africano foram incentivadas à prática desportiva. No entanto, fisicamente exaustos pelos exercícios militares, foram poucos os soldados a dedicar-se ao exercício físico. Sabe-se, no entanto, que os banhos de mar eram bastante apreciados, assim como os jogos de cartas, mas estes por serem considerados causadores de tensões e rivalidades acabaram por ser proibidos<sup>17</sup>.

Seria, contudo, a declaração de guerra da Alemanha a Portugal, a 9 de março de 1916, que iria provocar a mobilização do desporto nacional a favor do esforço de guerra. O primeiro contingente do C.E.P., partiu de Lisboa a 26 de janeiro de 1917 com destino à Flandres.

Foram vários os desportistas que incorporaram os contingentes que partiram para França: o campeão de pesos e alteres Álvaro Costa, o motociclista Leopoldo Futscher, os futebolistas Herculano dos Santos, António Santos, Augusto Cabeça Ramos, Manuel Gomes Cal, José António Dias Forra, do Sport Lisboa e Benfica; Joaquim Vidal Pinheiro, Floriano Pereira, Eurico Brites e Zulmiro Raimundo, do Futebol Clube do Porto e José das Neves Eugénio do Académico Futebol Clube, entre muitos outros. Destaca-se ainda a mobilização de homens que, anos mais tarde, fruto da sua capacidade desportiva, viriam a participar em edições dos Jogos Olímpicos: António

---

14 António Luís de Gouveia Prestes Salgueiro (1891-1950) foi Presidente do Comité Olímpico Português de 1919 a 1923. Foi oficial de marinha tendo feito parte na campanha de Moçambique em 1916, na esquadilha de embarcações do cruzador Adamastor. Foi Governador Civil de Lisboa de 23 de fevereiro de 1919 a 25 de março de 1920 e Deputado por Moçambique (1921).

15 Na Assembleia Plenária de 4 de junho de 1992 foi decidido alterar, por unanimidade, a designação para a atual: Comité Olímpico de Portugal

16 Júlio Ribeiro da Costa (1894-1992) era futebolista do Liceu Pedro Nunes, transferiu-se para o Benfica, onde atuou em diversas equipas de futebol. Devido ao seu empenho e paixão pelo clube, ocupou vários cargos no clube, entre 1914 e 1962. Em 1938 foi eleito presidente, deixando o cargo de vice-presidente da assembleia-geral (1935-38).

17 Sobre o quotidiano e a vivência das tropas portuguesas nas colónias ver Marco Fortunato Arrifes (2005).



Duarte Montez<sup>18</sup>, António Mascarenhas de Menezes<sup>19</sup>, António Augusto Martins<sup>20</sup> e José Pontes<sup>21</sup> que viria a ser Presidente do Comité Olímpico Português (1924-1956) e membro do Comité Olímpico Internacional (1946-1956).

É interessante verificar que os jornais da época, nomeadamente o *Diário de Notícias* e *A Capital* queriam saber mais e informar os leitores acerca dos desportistas mobilizados para a guerra. Na *A Capital* de 4 de janeiro de 1918 podemos ler: “O nosso colega do Diário de Notícias teve a iniciativa de apurar quaes os sportsmens que se encontram na guerra. É uma ideia boa que todos os clubs deverão acolher com agrado enviando-lhe esclarecimentos, com nomes, edades, especializações desportivas, armas a que pertencem, etc. etc. Podemos garantir que o Gymnasio Club vae em breve enviar ao redactor sportivo d’aquelle jornal, todos os esclarecimentos referentes aos seus sócios que se encontram no C.E.P.”<sup>22</sup> O assunto veio, nas semanas seguintes, a ter novas exposições no mesmo jornal. Primeiro porque os clubes não tinham dado importância ao apelo efetuado e não tinham enviado qualquer informação, impossibilitando assim a elaboração e publicação de uma galeria dos desportistas que se encontravam mobilizados no conflito.<sup>23</sup> Depois, a 20 de janeiro, o mesmo órgão informa que o Club Internacional de Foot-ball já tinha enviado informações sobre os seus sócios e que se esperava que os outros clubes lhe seguissem o exemplo<sup>24</sup>.

## O Desporto em Cenário de Guerra. A Experiência do C.E.P. 1916-1919

Já em território francês os militares portugueses foram submetidos a intensos exercícios físicos que, “desembaraçassem os movimentos e treinassem os homens, para esta-

- 
- 18 António Duarte Montez (1885-1968) foi praticante de tiro, esgrima, futebol, pesos e alteres, luta greco-romana e jogo do pau, sendo também, desde 1906, detentor do diploma de atirador de 1.ª classe, foi mobilizado para a guerra, sendo equiparado a alferes. Participou nos Jogos Interaliados de 1919 e mais tarde, em 1924 participou nos Jogos Olímpicos de Paris na prova de pistola de velocidade a 25 metros, onde se classificou no 30.º lugar
  - 19 António Mascarenhas de Menezes (1861-1961) era considerado um *sportsman* e um esgrimista vigoroso, bicampeão nacional de espada, viria a participar nos Jogos Interaliados de 1919 e nos Jogos Olímpicos de 1920, 1924 e 1936.
  - 20 António Augusto Martins (1892-1930) foi um desportista exímio em diversas modalidades desportivas, partiu para França em 1918 a fim de participar na ofensiva final dos Aliados. Foi incorporado como voluntário no batalhão de assalto, na qualidade de médico. No pós-guerra integrou também a equipa portuguesa que viria a participar nos Jogos Interaliados de 1919. Participou nos Jogos Olímpicos de 1920 na modalidade de tiro, e nos Jogos Olímpicos de 1924, nas provas de tiro e atletismo.
  - 21 José Pontes (1879-1961) foi um reconhecido desportista, jornalista, dirigente, médico e político. Era secretário-geral do Comité Olímpico Português quando foi mobilizado para a guerra. Prestou serviço em França como capitão-médico e após o armistício ganhou fama como chefe do serviço de fisioterapia do Instituto de Santa Isabel e no Hospital de Mutilados de Arroios. Para se dedicar a essa causa pediu dispensa do Comité Olímpico em 1919. Regressou quatro anos mais tarde para exercer funções de Presidente. Em 1924 acompanhou a delegação portuguesa que participou nos Jogos Olímpicos de Paris, onde Portugal conquistou pela primeira vez uma medalha olímpica – medalha de bronze, no prémio das nações por equipas, na competição equestre.
  - 22 “Sport. Sportsmens portugueses na guerra” in *A Capital* de 4 de janeiro de 1918, p. 2.
  - 23 “Sportsmens na guerra” in *A Capital* de 12 de janeiro de 1918, p. 3.
  - 24 “Sportsmens na guerra” in *A Capital* de 20 de janeiro de 1918, p. 3.



rem em condições de dar o máximo de intensidade e de resistência, à longa e extenuante marcha a pé (de cerca de 30 Km, em cadência mais rápida que a utilizada em Portugal), de mochila cheia às costas, para preparar os soldados para as deslocações que porventura fossem necessárias e a marchas, mais curtas e com a máscara de gás colocada para desenvolver o controlo da respiração em caso de um ataque de gás” (Marques, 2008, pp. 79-80). Para além da prática de várias atividades físicas essencialmente utilizadas para a preparação dos militares, é possível afirmar, sem qualquer dúvida, que a prática desportiva fez parte do quotidiano do C.E.P. durante a sua permanência em França. Estas atividades foram organizadas pelas tropas portuguesas ou pelos militares dos exércitos aliados e eram essencialmente momentos de descontração, considerados como indispensáveis ao êxito das operações, mas também à boa moral dos militares (Nunes, 2014, pp. 42-43).

Na linha da frente, durante os momentos de descanso, os combatentes ocupavam o seu tempo, sobretudo, com o convívio de grupo, mas também com a prática de jogos de cartas: a bisca, o burro, a sueca, ou jogos de dados que ajudavam também a esquecer por instantes os horrores da guerra. Nas trincheiras da 2.<sup>a</sup> linha era muito habitual o bingo, jogado também nos boletos da Linha de Aldeias (Marques, 2008, pp. 219-234). Para além dos jogos de cartas e tabuleiro surgiram também a organização de competições desportivas entre os militares dos exércitos aliados ou só entre os elementos do C.E.P. Estes momentos de competição, entre unidades militares ou nacionalidades, que nada tinham a ver com a guerra, tinham como objetivo, não só exaltar as capacidades físicas e militares dos combatentes, mas essencialmente criar momentos de festa, celebração e entretenimento, quebrando as rotinas do quotidiano de guerra.

Os jogos de futebol eram, em geral, organizados pela Associação de Futebol do V Exército Britânico. Neles era possível ver o nível exímio e a perícia dos ingleses e, do lado oposto, a inexperiência ou desconhecimento do jogo por muitos portugueses que usavam a criatividade e o engenho para correr com uma bola junto aos pés, o que, muitas vezes, deu origem a momentos de boa disposição, alegria e humor, deixando para segundo plano a importância dos golos da vitória ou derrota. Exemplo disso é o relato que o algarvio Pedro de Freitas nos deixou: “Os ingleses, promovendo desafios de football, fazem com que se organize, na companhia, um grupo, o qual é constituído, na sua maioria, por soldados que do football apenas o conheciam por verem os outros a jogar. E a provar a competência desta classe de jogadores, temos o seguinte facto: o soldado José da Cruz Barreto, quando chuta a bola, invariavelmente cai, e à imitação de um pião, de cabeça no chão e pernas no ar, dá sempre uma volta e estatela-se no solo. Risos e mais risos provoca este competente jogador; e os ingleses ainda mais se riem, dada a assiduidade das cabriolas do bom do Barreto, que se evidencia desta maneira nos desafios de football entre portugueses e ingleses”.<sup>25</sup>

Também as provas equestres fizeram parte destes momentos. Em ofício de 23 de agosto de 1917, o Subchefe do Estado Maior do Corpo Expedicionário Português enviado para a Flandres, Luís Augusto Ferreira Martins, remete uma informação aos

---

25 *Idem.*

Comandantes da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Divisão com um convite para os oficiais portugueses participarem na prova n.º 18 do *Horse Show* do Corpo de Cavalaria Inglesa.<sup>26</sup> Esta comunicação informava que o *Horse Show* se realizava em Pronay, próximo de S. Pol, no dia 1 de setembro, e tratava-se de uma prova de obstáculos, semelhante à que tinha sido realizada pela 5.<sup>a</sup> Divisão de Cavalaria, no dia 15 de agosto. Mais se informava que podiam participar todos os oficiais dos exércitos aliados em França. No entanto, este convite não teve o sucesso de outros e a 27 de agosto, foi recebida a resposta do Chefe do Estado-Maior: “Informo V. Ex. que nenhum oficial d’esta Divisão deseja inscrever-se no concurso hípico do Corpo de Cavalaria Britânica”.<sup>27</sup>

Para além dos jogos de futebol e das provas equestres e de atletismo, conseguimos perceber que os concursos militares e desportivos tinham também grande adesão e interesse por parte das tropas do C.E.P. Nos programas destes concursos encontram-se atividades com uma clara componente militar e outras essencialmente desportivas, onde sargentos, cabos e soldados exaltavam as suas capacidades físicas, dando o seu melhor para ver o respetivo batalhão vencer. Relativamente à componente desportiva encontram-se nos programas destas iniciativas as provas de velocidade de 100 metros, as estafetas, as corridas de sacos, as corridas de três pernas – disputada por dois homens que correm lado a lado e em que a perna direita de um está amarrada à perna esquerda do outro –, salto em altura e salto em comprimento, luta de tração ou jogo da corda, luta a cavalo, corridas de barcos e de bicicletas e o jogo do pau. Já a componente militar era composta na maioria das vezes por: tiro de espingarda, emprego de baioneta e o lançamento de granadas, muito provavelmente uma alusão ao lançamento do peso.

Independentemente da arma, do posto ou do serviço desempenhado, estas provas tinham muito sucesso junto dos militares. Enquanto uns se dedicavam à preparação física e ao treino para terem um bom desempenho, outros ocupavam-se no planeamento e organização logística das competições. Os restantes, menos envolvidos, apreciavam muitas vezes no dia e tornavam-se espectadores das diversas provas disputadas. Parte desta azáfama é-nos dada a conhecer por Maia Pinto: “Uns organizam o programa; outros preparam o campo e procuram e fabricam as tendas, as cordas, as estacas e os bonecos para as instruções, para as corridas, para o torneio” (Pinto, s/d, pp. 25-26).

A 9 de setembro de 1917, o Subchefe do Estado-Maior, Luís Augusto Ferreira Martins, comunicou à 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Divisão do C.E.P. que se realizava a 5 de outubro de 1917 o Concurso Militar e Desportivo entre os praças de infantaria do C.E.P. identificando as provas de carácter desportivo e militar que compunham o programa. Informava também que cada batalhão de infantaria poderia concorrer com cinco sargentos ou cabos e 42 soldados, em grupos de nove praças, quatro e dois praças (só soldados). Cada grupo seria constituído por praças do mesmo batalhão sendo o sargento ou cabo o chefe do grupo. Soubese, no entanto, que este concurso foi adiado, acabando por se realizar a 25 de

---

26 Arquivo Histórico Militar (A.H.M), PT/AHM/DIV/ 1/35/125/12, ofício de 23 de agosto de 1917 enviado por Luís Augusto Ferreira Martins aos Comandantes da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Divisão.

27 *Idem*.

outubro de 1917 no Campo Central de Instrução em Marthes. O programa final integrou as provas militares de utilização de baioneta, granadeiros de mão e de espingarda, metralhadoras ligeiras e tiro elementar, e a componente desportiva integrou as competições do jogo do pau, luta de tração e corridas de velocidade<sup>28</sup>. Os vencedores deste concurso receberam uma Taça de Honra, que tinha sido oferecida pelo Presidente da República, Bernardino Machado.<sup>29</sup>

Noutra ocasião, numa altura em que quando a 2.<sup>a</sup> Divisão de combate se encontrava praticamente aniquilada na sequência da Batalha de La Lys, e com a 1.<sup>a</sup> Divisão desfalcada de homens, as tropas portuguesas voltaram a participar num evento desportivo, desta vez em Colombes. O Concurso Militar e Desportivo foi organizado pela Union des Sociétés Française de Sports Athletiques e no programa de provas encontramos as corridas de resistência, saltos em extensão e altura (com e sem impulso), lançamento do peso, corridas de velocidade, combates com baioneta, corridas de estafetas, saltos à vara, lançamento de granadas e do disco. Para este concurso foram selecionados 16 praças do C.E.P. a fim de participarem nas provas de lançamento de granadas e corrida de estafetas. Os quatro selecionados para as estafetas, por terem chegado excessivamente tarde e por não possuírem os fatos com que eram obrigados a competir, ficaram impossibilitados de o fazer. Os restantes 12 entraram na prova de lançamento de granadas. O melhor português foi o soldado Manuel Augusto, n.º 557 da 2.<sup>a</sup> companhia do Regimento de Infantaria 3, com um lançamento de 55,30 m, seguido de Armindo Teixeira n.º 96 da 3.<sup>a</sup> Companhia do Regimento de Infantaria 29, com um lançamento de 47,60 m.<sup>30</sup> No entanto, ambas as marcas ficaram muito aquém das alcançadas pelos militares belgas com 66,67 m, pelos franceses com 64,63 m e pelos militares americanos com 64,12 m.<sup>31</sup>

A este respeito e relativamente à participação portuguesa nesta competição desportiva o Comandante do C.E.P., o general Tamagnini de Abreu<sup>32</sup>, após a conclusão das mesmas escreveu: “Os resultados obtidos teriam ainda sido melhores se, avisados a tempo do concurso, os homens tivessem sido convenientemente treinados durante pelo menos cinco semanas...”<sup>33</sup> O mesmo aproveitou a ocasião e teceu duras críticas à pouca importância dada ao desporto no seio da instituição militar: “O grande número de concorrentes (perto de 500) e os resultados por eles obtidos nas diferentes provas disputadas foram uma consequência de uma especial atenção que de há muito vem sendo dedicada ao “sport” pelos exércitos aliados. Infelizmente entre nós pouca ou nenhuma se lhe tem dedicado. Urge porém que se pense a sério no assunto e que à semelhança do que se faz

---

28 Arquivo Histórico Militar (A.H.M.), PT/AHM/DIV/ 1/35/95/85.

29 *Idem.*

30 *Idem.*

31 *Idem.*

32 Fernando Tamagnini de Abreu e Silva (1856-1924) foi um oficial do exército, que após a sua promoção a general foi escolhido para comandar a Divisão de Instrução mobilizada em Tancos e posteriormente para Comandante do C.E.P. Combateu na Flandes na Primeira Guerra Mundial, integrado no exército inglês. Após o desastre do C.E.P. na Batalha de La Lys, a 9 de abril de 1918, foi substituído, a 25 de agosto, no comando daquele mesmo corpo pelo general García Rosado.

33 Arquivo Histórico Militar (A.H.M.), PT/AHM/DIV/ 1/35/95/85.

em França, Itália, Bélgica (...) Se organizem no nosso exército centros, à testa dos quais se encontrem oficiais superiores, sendo o seu principal fim estudar e promover por todas as formas de desenvolvimento do “sport” no exército, organizando concursos, despertando o interesse e fazendo criar o gosto por ele”.<sup>34</sup>

Ao longo dos quatro anos de conflito, os confrontos entre exércitos foram responsáveis pela morte de cerca de 10 milhões e a mutilação de quase 20 milhões de soldados e civis, dando a este conflito uma dimensão mortal e destrutiva até então inédita. A existência de mortos e mutilados de guerra é infelizmente um cenário transversal a todos os países que entraram no conflito. Por cá, os jornais nacionais muitas vezes iam relatando as piores notícias, difundindo número de mortos e feridos<sup>35</sup>.

A este propósito, a Federação Internacional de Atletismo divulgou muito recentemente (Housman, 2018) que às 11 horas do 11.º dia do 11.º mês de 1918, eram cerca de 40 os atletas olímpicos daquela modalidade – que tinham participado nos Jogos Olímpicos de 1908 e 1912 –, oriundos de vários países, que estavam entre os milhões de mortos da grande guerra.

## Os Jogos Interaliados de 1919

Após a assinatura do Armistício a 11 de novembro de 1918 o principal objetivo dos soldados mobilizados era o regresso a casa. No entanto, a desmobilização das tropas não foi, contudo, imediata. Para alguns destes soldados o regresso a casa demorou vários meses e até, em alguns casos, anos.

Foi a pensar nestes homens que ainda se encontravam na Europa que, dois meses após o final da Grande Guerra, se iniciou a organização dos Jogos Interaliados.

Sob o comando do general John J. Pershing<sup>36</sup>, comandante das forças norte-americanas na Europa, deu-se início à organização deste jogos. Em janeiro de 1919 foram enviados convites para a participação às 29 nações que tinham estado no cenário de guerra.

Dezoito nações: Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, China, Cuba, Checoslováquia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Guatemala, Haiti, Hejaz, Honduras, Itália, Japão, Libéria, Montenegro, Nicarágua, Terra Nova, Nova Zelândia, Panamá, Polónia, Portugal, Roménia, Rússia, Sérvia, Síão e África do Sul, representantes dos cinco continentes, aceitaram o convite para competirem neste evento desportivo dirigido exclusivamente aos militares que tinham participado na guerra ou que tinham servido as forças militares dos países aliados.

O Comité Consultivo para a organização destes jogos, constituído por 43 pessoas oriundas de várias organizações e nacionalidades, integrou dois portugueses, o tenente Mário da Cunha e o capitão António Mascarenhas de Menezes.

---

34 *Idem*.

35 “O sector português. 600 mortos e 2037 grandes feridos” in *A Capital* de 7 de março de 1918, p. 1.

36 John Joseph Pershing (1860-1948) foi um militar norte-americano do Exército dos Estados Unidos que conduziu as Forças Expedicionárias Americanas na Primeira Guerra Mundial entre 1917 e 1918 e que após a assinatura do Armistício ficou responsável pela organização dos Jogos Interaliados de 1919.

O Estádio Pershing, construído especificamente para o efeito pelas forças militares dos Estados Unidos da América em cooperação com a Young Men's Christian Association (YMCA), foi o palco escolhido para a realização da maioria das provas. Realizados entre 22 de junho e 6 de julho de 1919, em Joinville, nos subúrbios de Paris, estiveram em prova cerca de 1.500 homens que competiram em diversas provas – 12 modalidades desportivas consideradas como “modalidades reconhecidas” e outras “modalidades de demonstração” –, durante 15 dias. De acordo com relatório oficial, Portugal participou com 51 atletas em oito modalidades: Atletismo, Boxe, Esgrima, Equestre, Natação, Polo Aquático, Remo e Tiro.

Na cerimónia de abertura, que recebeu mais de vinte mil pessoas no estádio, as delegações desfilaram frente à tribuna onde os presidentes Woodrow Wilson, dos Estados Unidos da América e Raymond Poincaré de França se encontravam.

Tendo em conta o relatório oficial dos jogos, Portugal desfilou entre a Nova Zelândia e a Roménia. No entanto, de acordo com a imprensa da época, a delegação portuguesa e a bandeira nacional não estiveram presentes: “No dia da inauguração do stadium Pershing, no desfile, nem um só, um só dos sportsmen portugueses apareceu empunhando a nossa bandeira... Os únicos que não compareceram foram os portugueses”.<sup>37</sup>

Ao nível dos resultados destacam-se os alcançados pela esgrima. Os segundos lugares e respetivas medalhas de prata na competição de espada por equipas<sup>38</sup>, sabre por equipas<sup>39</sup> e individualmente na competição de espada, pelo tenente Jorge Paiva. Ainda na competição de espada, o tenente Frederico Paredes classificou-se em 6.º lugar e em sabre o capitão José S. Dias e o capitão Luiz Oliveira chegaram às meias-finais.

Na modalidade de tiro, na prova de pistola, a equipa portuguesa classificou-se em 4.º lugar e na prova de espingarda no 7.º Lugar. Na competição de boxe o tenente Silva Ruivo, que combateu com o campeão belga, desistiu no decorrer do 3.º *round*<sup>40</sup>.

Relativamente ao polo aquático é referido no relatório oficial que um atleta português teve um acidente, impedindo a entrada da equipa na competição.

No remo a equipa portuguesa de shell-4 com timoneiro não conseguiu terminar a prova e no shell-8 com timoneiro não passou a eliminatória. Na natação e no Atletismo, apesar dos registos de inscrições nas diversas provas, não há referência aos resultados alcançados por atletas portugueses, quer no relatório oficial, quer na imprensa nacional.

Apesar de não encontrarmos referências no relatório oficial dos jogos, que apresenta várias falhas ao longo das diversas seções, com as listagens iniciais dos atletas inscritos por país a não coincidirem totalmente com os nomes dos atletas que conquistaram resultados de destaque, a imprensa portuguesa da época afirma que para além das três meda-

---

37 “Nas provas sportivas inter-alliados não apareceu a bandeira portugueza” in *A Capital* de 4 de julho de 1919.

38 A equipa de espada foi constituída pelo tenente Carlos Gonçalves, major Veiga Ventura, tenente Frederico Paredes, tenente Jorge Paiva, capitão António Mascarenhas e tenente Fernando Farinha.

39 A equipa de sabre foi constituída pelo tenente-coronel Horácio Ferreira, capitão José S. Dias, capitão António Sabbo, coronel Vieira Rocha, capitão Luiz Oliveira e capitão Óscar Motta.

40 “Jogos Inter-Aliados” in *A Capital*, 10 de julho de 1919, pp. 1-2.

lhas de prata alcançadas pelos esgrimistas portugueses, também o tenente António Silva Martins conquistou uma medalha de prata na competição de tiro<sup>41</sup>.

Após a realização dos Jogos Interaliados o Estádio Pershing foi oferecido ao povo francês pelos Estados Unidos da América sendo ainda hoje utilizado como uma área de recreação ao ar livre.

## Conclusão

Como a Primeira Guerra Mundial se encarregaria de demonstrar, o desporto ajudou a promover a eficiência militar e a elevar a moral dos combatentes. Independentemente da sua perícia e capacidades atléticas todos os soldados deveriam estar envolvidos. Na verdade, quer a guerra, quer o desporto, devem ser entendidos e analisados como forças poderosas, essenciais ao processo de criação de comunidades imaginadas; soldados e atletas são elementos cruciais que nos ajudam a perceber o sucesso de um Estado, como seria demonstrado, de resto, pela ascensão dos E.U.A. como primeira potência mundial, no pós-guerra.

São diversas as ligações que conseguimos encontrar entre o desporto e a guerra. Desde a fase de preparação dos militares onde as práticas desportivas os ajudaram a superar os seus limites físicos, durante o período de conflito, onde, por variadas vezes, foi possível ver o desporto ao serviço do esforço desta guerra. No conflito de 1914-1918 que durou mais do que todos esperavam, o desporto foi também importante como elemento catalisador, que transportou por momentos milhares de homens dos horrores vividos, muitas vezes diariamente, para o conforto e a descontração que viviam antes da mobilização. Momentos de descontração e confraternização entre militares pertencentes ao mesmo pelotão ou batalhão, mas também entre forças aliadas, ou mesmo, momentos de contato com o adversário, como é o caso da célebre trégua que assinalou o dia de Natal de 1914. Neste dia militares ingleses e alemães esqueceram por momentos a guerra, saíram das suas trincheiras e na “terra de ninguém”<sup>42</sup> cumprimentaram-se, trocaram alguns bens que tinham consigo, e quando de um dos lados surgiu uma bola de futebol, todos jogaram. A guerra tinha sido interrompida por breves momentos, fazendo-se aqui também uma alusão à Trégua Olímpica, que existe desde os Jogos Olímpicos da antiguidade e que nos nossos tempos tem sido também requerida pela Assembleia Geral das Nações Unidas por ocasião da celebração dos Jogos Olímpicos e Jogos Paralímpicos.

Após o conflito mundial, o mundo desportivo jamais seria o mesmo, assim como o mundo, a política e a sociedade. Milhões de homens tiveram oportunidade de praticar algum tipo de atividade desportiva, contribuindo, ainda que momentaneamente, para tornar o desporto no fenómeno de massas que agora conhecemos.

Alguns destes homens que estiveram ao serviço do esforço de guerra tornaram-se mais tarde desportistas de referência, dirigentes ativos na promoção do desporto, uns

---

41 “Jogos Inter-Aliados” in *A Capital* de 10 de junho de 1919, pp. 1-2.

42 Numa guerra muito disputada em trincheira, designou-se “terra de ninguém” ao pedaço de terra que separava as trincheiras dos dois lados da guerra.

tornaram-se atletas olímpicos, outros presidentes do Comité Olímpico Português, atualmente designado Comité Olímpico de Portugal e um deles, Jorge Paiva, entrou na elite mundial dos medalhados olímpicos ao conquistar a medalha de bronze na modalidade de esgrima, na prova de espada por equipas, dos Jogos Olímpicos de 1928, realizados em Amesterdão.

## Fontes e Bibliografia

### Fontes Primárias:

Arquivo Histórico Militar (A.H.M.)  
*Diário do Governo* (1909 a 1974)  
*Diário da Câmara dos Senhores Deputados*

### Publicações Periódicas:

*A Capital*  
*O Desporto*  
*O Panorama*  
*O Sport de Lisboa*

### Bibliografia:

- Arrifes, M. F., 2005. *A Primeira Grande Guerra na África Portuguesa: Angola e Moçambique (1914-1918)*. Lisboa: Edições Cosmos/Instituto da Defesa Nacional.
- Borges, J. V., Marques, I. P. e Dias, E. G., 2018. *Diário de Campanha do General Fernando Tamagnini, Comandante do CEP*. Comissão Portuguesa de História Militar.
- Cardoso, C. P., 2009. *100 Anos de Olimpismo em Portugal*. Lisboa: Gradiva.
- Cardoso, C. P., 1996. *Os Jogos Olímpicos. The Olympic Games*. Lisboa: Ed. CTT Correios de Portugal.
- Coubertin, P., 1979. *Olympic Memoirs*. Lausanne: International Olympic Committee.
- Davis, W., 2012. *Into the Silent. The Great War, Mallory, and the Conquest of Everest*. Vintage Books.
- Dietschy P., 2018. *Le Sport et la Grand Guerre*. Paris: Editions Chistera.
- Ferreira, J., 2014. Portugal na I Guerra Mundial. *Revista Militar*, n.º 2553, pp 879-892.
- Guttmann, A., 2002. *The Olympics: A history of the Modern Games*, 2<sup>nd</sup> edition. University of Illinois Press.
- Housman, A. E., 2018. Armistice Day: Remembering the Athletes who died in the First World War. *International Association of Athletics Federations (IAAF)*, 10 de novembro. Disponível em: IAAF [website] <https://www.iaaf.org/news/feature/armistice-day-remembrance-track-field-olympia>
- Marques, I. P., 2008. *Das Trincheiras, com Saudade. A vida quotidiana dos militares portugueses na Primeira Guerra Mundial*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- Martins, I. G. e Martins, A. G., 2016. *António Augusto da Silva Martins. O mais completo atleta português de todos os tempos*. Lisboa: Chiado Editora.



- Merkel, M., 2017. *14-18, le sport, sort des tranchés: Un héritage inattendu de la Grande Guerre*. Toulouse: Les Pas d'oiseau.
- Morrow, D., 2003. *The Inter Allied Games of 1919*. Paper presented to the North American Society for Sport History. Disponível em: [http://works.bepress.com/donald\\_morrow/59](http://works.bepress.com/donald_morrow/59)
- Nunes, R., 2019. Jogos Inter-aliados. Em Maria Fernanda Rollo, Aniceto Afonso, Ana Paula Pires e Luís Alves de Fraga, coord., *Dicionário de História da I Guerra Mundial*, em preparação. Lisboa: Temas e Debates.
- Nunes, R., 2014. A Batalha dos Estádios. Em *1914-1918 Portugal Durante a Grande Guerra*, Visão História, n.º 25, setembro, pp. 42-43.
- Pinheiro, F. e Nunes, R., 2012. *Os 6 de Estocolmo. A primeira participação Portuguesa nos Jogos Olímpicos*. Porto: Edições Afrontamento.
- Pinto, M., s/d. *O Esforço Militar de Portugal nos Últimos Meses de Guerra (1914-1918)*. Porto: Ed. De Manuel Maia Pinto (filho).
- Quina, M. G. (coord.) 2008. *Olímpicos de Portugal, 1912-2008*, Associação dos Atletas Olímpicos de Portugal, Instituto do Desporto de Portugal, Lisboa.
- Serpa, H., 2007. *História do Desporto em Portugal. Do Século XIX à Primeira Guerra Mundial*, Estudos e Documentos, Instituto Piaget, Lisboa.
- Terret, T., 2006. The Military “Olympics” of 1919. *Journal of Olympic History*, 14(2). International Society of Olympic Historians.
- Valarinho, J., 1993. *Espadas e Floretes: Contribuição para a História do Desporto em Portugal*. Maia: Gráfica Maiadouro.
- White, G., 1919. *The Inter-Allied Games, Paris, 22<sup>nd</sup> June to 6<sup>th</sup> July*. Paris: Published by the Games Committee.
- Zink, J. D., 2007. *Cartaz português da I Guerra Mundial: o jogo simbólico num caso emblemático de marketing político-militar*. Fevereiro de 2007, Lisboa, Biblioteca Nacional/Tesouros. Disponível em Open Edition: <http://purl.pt/369/1/ficha-obra-cartaz.html> [consultado em 31 de agosto de 2014]